



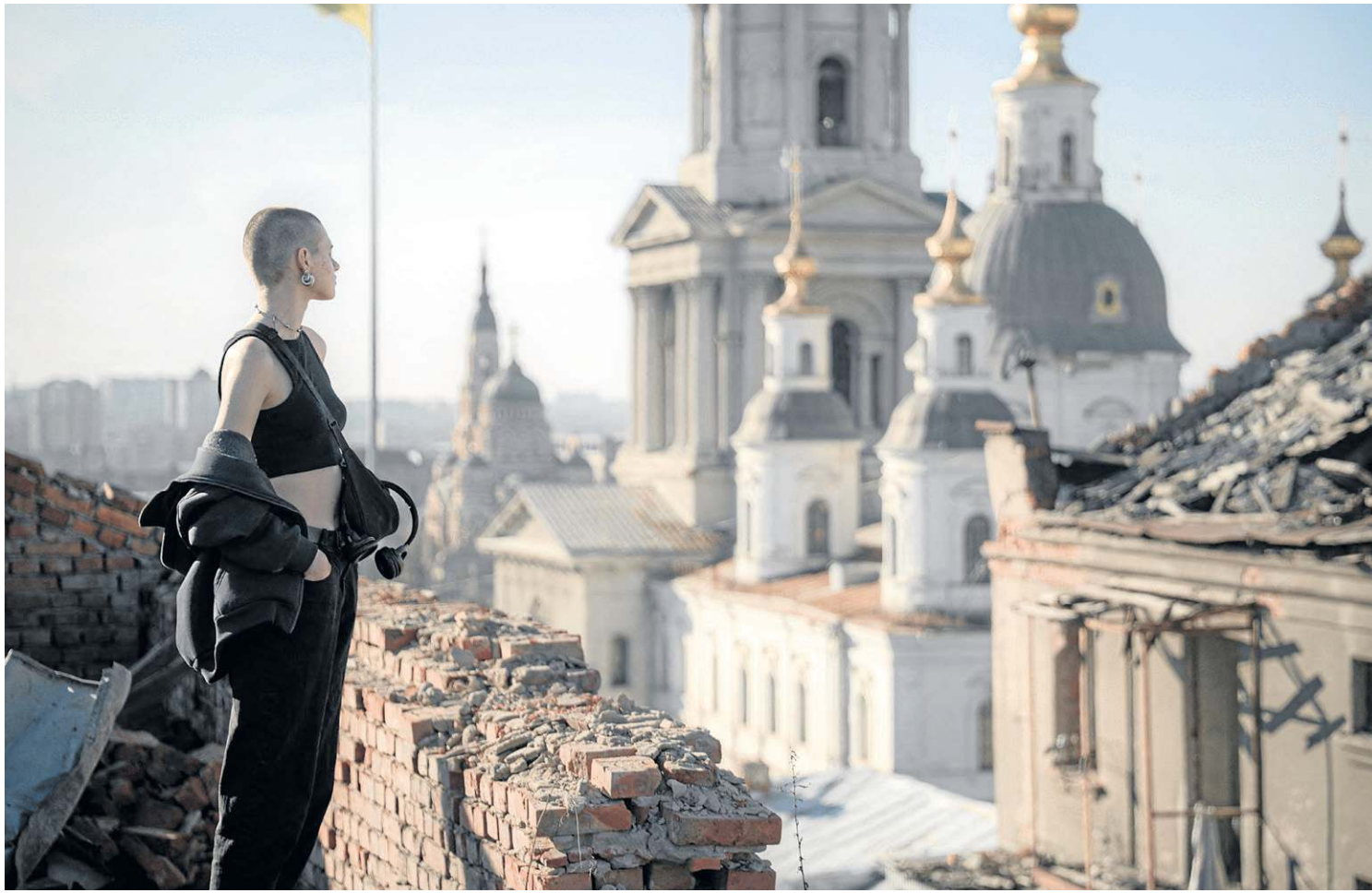
GUERRA NO LESTE EUROPEU

Trump ameaça a Rússia

Presidente dos Estados Unidos acena com imposição de sanções a Moscou depois de recentes bombardeios à Ucrânia. Republicano afirma que é "mais fácil" lidar com Vladimir Putin do que com Volodymyr Zelensky

» RODRIGO CRAVEIRO

Ivan Samoilov/AFP



A mudança de tom surpreendeu a imprensa internacional e analistas políticos. Em uma reação à série de bombardeios russos contra a infraestrutura energética da Ucrânia, na noite de quinta-feira, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ameaçou impor sanções "em larga escala" a Moscou para forçar um acordo de paz. "Com base no fato de que a Rússia está atacando fortemente a Ucrânia no campo de batalha neste exato momento, estou considerando seriamente aplicar sanções financeiras e tarifas em larga escala à Rússia até que um cessar-fogo e um acordo definitivo de paz sejam alcançados", escreveu Trump em sua rede Truth Social. "Rússia e Ucrânia, sentem-se à mesa agora mesmo, antes que seja tarde demais."

Mais tarde, o republicano declarou que lhe parece "mais fácil" lidar com os russos do que com os ucranianos para pôr fim ao conflito. "Eu acredito nele (Vladimir Putin)", disse, ao citar o presidente da Rússia. "Francamente, acho mais difícil lidar com a Ucrânia, e eles não têm as cartas na mão", acrescentou Trump. Nas últimas semanas, a Casa Branca chegou a demonstrar simpatia em relação ao Kremlin. O ataque russo de quinta-feira mobilizou 58 mísseis e 194 drones. Pela primeira vez, o Exército ucraniano utilizou caças franceses Mirage 2000 na contra-ofensiva. Kiev garante que derrubou 34 mísseis e 100 drones. Em Kharkiv, cinco pessoas ficaram feridas.

Moradora de Kiev, a produtora Maryna Logachova, 32 anos, admitiu ao **Correio** que temeu pelo pior

depois que Trump anunciou a suspensão de ajuda à Ucrânia. "Meu sistema nervoso finalmente disse 'adeus'. Temos vivido nesse estado por três anos. A ansiedade tornou-se tão familiar que, provavelmente, somos melhores amigos", ironizou. Logachova cumpre com um ritual todas as noites. "Mantenho o celular carregado e próximo a meu corpo. Se eu acabar sob os escombros, serei capaz de clamar por socorro. Movo meus filhos para longe das janelas, a fim de que os destroços

me atinjam e não os machuque." Em seu perfil na rede social X, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, cobrou uma pausa nos ataques aéreos. "Os primeiros passos para estabelecer uma paz real deveriam ser forçar a única fonte desta guerra, ou seja, a Rússia, a pôr fim a tais ataques".

Para Mikhail Troitskiy, professor visitante do Centro Davis para Estudos da Rússia e da Eurásia da Universidade de Harvard e da Universidade Tufts, Trump reconheceu

que Putin não mostrou sinais genuínos de prontidão para encerrar o conflito. "Moscou parece intencionado em explorar as tensões entre Trump e Zelensky, em vez de buscar um diálogo significativo. Além disso, o Kremlin continua a perseguir objetivos territoriais e políticos na Ucrânia, sem preparar a opinião pública interna para um cessar-fogo. Isso é evidenciado pela escalada de ataques russos", explicou. O especialista acredita que esses fatores reunidos provocaram

frustração em Trump e o levaram a exigir ações tangíveis de Moscou.

Troitskiy entende que a mudança drástica no tom de Trump está associada à recusa da Rússia em demonstrar boa vontade, por meio de medidas concretas de desescalada. "A agressão persistente da Rússia irritou Trump e seus conselheiros", advertiu. Segundo ele, o líder russo tem delegado cada vez mais comunicações públicas significativas a seus associados, que publicamente afirmam demandas maximalistas — como o

Elas transforma destruição em arte

Quando uma bomba atingiu o apartamento de Valentyna Guk (foto), em Kharkiv, na primavera de 2024, a artista ucraniana de 21 anos decidiu transformar os estilhaços da janela em mosaicos de vidro. "Para mim, é uma combinação de nova arte e de história da arte ucraniana. É uma sensação estranha, como se uma faísca tomasse meu corpo de medo e de inspiração, como que para vencer a morte", contou ao **Correio**. "A guerra mata em todos os sentidos, e os ucranianos estão mais fortes. Nós lutaremos com armas, arte e amor pelo nosso país." A artista se diz autodidata: "Minha técnica envolve pouco conhecimento e muita experiência". Na obra abaixo, intitulada *Tree of life 6 (Árvore da vida 6)*, Valentyna usou vidro de locais destruídos por foguetes russos em Dezhprom.

Valentyna Guk



controle sobre quatro regiões ucranianas e a "desmilitarização" da Ucrânia. "Isso indica um debate interno entre elementos pró-guerra agressivos e facções que defendem a paz devido a preocupações sobre estabilidade econômica e coesão social. A pressão de Trump pela paz pode intensificar essas tensões internas."

PAPA FRANCISCO

Estado de saúde segue estável e "complexo"

O estado de saúde do papa Francisco, hospitalizado há 23 dias, manteve-se estável ontem, embora seu quadro clínico siga sendo "complexo", informou a assessoria de imprensa do Vaticano. "O estado clínico geral segue sendo o mesmo nos últimos dias: um estado clínico complexo, dentro do qual o pontífice se encontra estável, mas o prognóstico continua reservado", resumiu. O líder espiritual de 1,4 bilhão de católicos no

mundo foi internado em 14 de fevereiro no Hospital Gemelli de Roma com bronquite, que evoluiu para uma dupla pneumonia. Desde então, sua saúde tem altos e baixos.

A última recaída ocorreu na segunda-feira, quando sofreu "dois episódios de insuficiência respiratória aguda". Desde então, o Vaticano informou que o estado do jesuíta argentino de 88 anos permaneceu "estável". Na noite de quinta-feira, a Santa

Sé divulgou uma breve mensagem de áudio em que Francisco, com voz cansada e respiração ofegante, agradece em espanhol aos fiéis por suas orações.

Uma amostra da "estabilidade" dos últimos dias é que o Vaticano não divulgou o relatório médico diário detalhado sobre o estado de saúde de Francisco, limitando-se a fornecer uma informação mais breve da assessoria de imprensa. O primeiro

pontífice latino-americano alterou, ontem, o descanso e a fisioterapia respiratória com as orações e "um pouco de trabalho", afirmou essa fonte. "Pela manhã, ele passou 20 minutos na capela", acrescentou. À noite, uma máscara de oxigênio o ajuda a respirar, que durante o dia é trocada por cânulas nasais de alto fluxo. "Os médicos darão mais informações sobre a saúde do papa amanhã (hoje)", acrescentou.

Dimitar Dilkov/AFP



Fiéis oram e acendem velas diante do Hospital Gemelli, em Roma

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Tira-teima panamericano

Enquanto busca abrir canais para negociar com os Estados Unidos uma solução diplomática para a alta das tarifas comerciais anunciada por Donald Trump, o governo brasileiro costura na Organização dos Estados Americanos (OEA) uma opção sucessória alternativa à colocada por Washington. De tabelinha com Uruguai, Chile, Colômbia, Bolívia e outros representantes da centro-esquerda, o Brasil endossou a candidatura do chanceler do Suriname, Albert Ramdin.

A manobra resultou na retirada do chanceler do Paraguai, Rubén Ramírez, apoiado por Trump e outros governantes de direita, como os da Argentina, Javier Milei, e do Panamá, José Raúl Mulino. Embora de valor mais simbólico do que prático, já que a OEA é mantida basicamente pelos Estados Unidos, a disputa antecipa as linhas gerais da delicada convivência entre o novo titular da Casa Branca e os vizinhos

do Hemisfério Ocidental — como a diplomacia norte-americana se refere ao continente em conjunto.

Entre mordidas e assopros, um e outro lado se preparam para um período em que as quedas de braço tendem a se repetir.

Segundo round

Não é a primeira vez que o presidente Lula se contrapõe aos interesses da Casa Branca no cenário panamericano. Durante o primeiro período no Planalto, em 2009, articulou com os colegas da Venezuela, Hugo Chávez, e da Argentina, Néstor Kirchner, a readmissão de Cuba na organização, após quase meio século de exclusão. O regime comunista de Havana não chegou a formalizar pedido de reingresso, mas, do ponto de vista de Washington, o episódio representou uma derrota.

Antes, nos primeiros meses de mandato, Lula se somou a Chávez para

implodir o projeto de Bill Clinton para instituir a Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Adiante, os dois tiveram o reforço de Kirchner para estabelecer a União das Nações Sul-Americanas (Unasul) e a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac). Desde o governo Bolsonaro, e agora com Milei, na Argentina, ambas estão em "modo avião".

Negócios à parte

Paralelamente aos encontros e desencontros na esfera diretamente política, o governo Lula tateia as possibilidades de negociar uma saída diplomática para as tarifas de importação de produtos brasileiros. Pelo perfil e pela trajetória, foi escalado para a missão o vice, Geraldo Alckmin, que acumula o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Na quinta-feira, ele se reuniu por videoconferência com as contrapartes,

De início, o Planalto aposta na possibilidade de chegar a um acordo, mas prepara cautelosamente uma lista de produtos norte-americanos que possam ser objeto de uma medida de reciprocidade. O Brasil voltou a ser citado por Trump, em seu discurso sobre o Estado da União, como um dos países que "roubam" os EUA com tarifas comerciais "injustas". Teve por companhia China e Índia, dois outros sócios do Brics.

A agenda do bloco para o ano coloca novamente a diplomacia brasileira no fogo cruzado. A presidência rotativa, que o país exerce desde janeiro, tem entre as tarefas avançar na busca de meios que permitam contornar o dólar nas trocas entre os Estados-membros. Rússia e Irã deram os passos iniciais, mas ambos já estão sob sanções de Washington. Trump ameaça sobretaxar "em até 100%" quem seguir o mesmo caminho.

Olho na butique

O presidente dos EUA, que fez fortuna na selva do mercado imobiliário, governa o país com os mesmos métodos que lhe permitiram construir seu

império de bilhões. Exibe os músculos e investe na intimidação para iniciar qualquer tratativa na posição mais vantajosa possível.

É como age com as ameaças de tomar o Canal do Panamá e a Groenlândia, "de uma ou de outra maneira". No primeiro caso, embora reconheçam que Trump é acima de tudo imprevisível, a maioria dos observadores entende que, ao menos por ora, a meta é isentar os navios norte-americanos de taxas na passagem entre Atlântico e Pacífico. Quanto à Groenlândia, o interesse verdadeiro seriam as reservas de minerais estratégicos.

Justamente o assunto subjacente ao episódio insólito apresentado no Salão Oval, com transmissão ao vivo, com a constrangedora humilhação de Volodymyr Zelensky. Mais do que a rendição da Ucrânia à Rússia, o objetivo é garantir para os EUA as reservas das cobeadas terras raras, minerais essenciais na transição para a economia pós-carbono.

Tal qual Pedro Carço, do conhecido forró de Genival Lacerda, Trump está sempre de olho na butique.